O tráfico de mulheres e outras questões que tocam os corpos

*Trafficking in women and others
that touch the bodies*

Resumo

Este artigo, de forma lúcida e profunda, trata da situação do tráfico. Questionam-se posturas éticas formais que nos colocam do lado do bem, com discursos politicamente corretos que despojam o tráfico de pessoas da relação econômica globalizada, principalmente quando nos referimos aos corpos das mulheres. Lembrando-se dos limites da palavra bíblica, ele nos desafia a aceitar o convite de dar um passo adiante e nos colocarmos outras questões. Somos convidados pela vida a retomar a beleza das nossas tradições a partir de outras leituras, menos puras, menos hierárquicas, menos religiosas e que nos permitem um acesso diferente à compreensão das relações entre as nossas tradições religiosas e os problemas do nosso tempo.

Palavras-chave: Tráfico de pessoas; Tráfico de mulheres; Éticas formais.

Abstract

This article, in a lucid and profound way, deals with the trafficking situation. Formal ethical postures that place us on the side of the good are questioned, with politically correct discourses that deprive human trafficking from the globalized economic relationship, especially when we refer to women's bodies. Remembering the limits of the biblical word, he challenges us to accept the invitation to go a step further and ask ourselves other questions. We are invited by life to take up the beauty of our traditions from other readings, less pure, less hierarchical, less religious and that allow us a different access to understanding the relationships between our religious traditions and the problems of our time.

Keywords: Human trafficking; Trafficking of women; Formal ethics.

¹ Filósofa e teóloga feminista, brasileira, religiosa da Congregação de Nossa Senhora, Ivone Gebara é autora de numerosos livros e artigos, desconstruindo a violência, dominação exclusão, justificadas por discursos religiosos. Sua busca de liberdade expressa seu compromisso com pobres e excluídos, especialmente com as mulheres (Endereço eletrônico: ivonegebara@gmail.com).

Introdução

Introduzo estas reflexões sobre a questão do *‘tráfico de mulheres’* sem ter lido os textos que seguem. Esta é uma introdução reflexiva à problemática abordada e não aos textos. Por isso, talvez possa destoar do conteúdo de partes desse número de RIBLA como possa estar no ritmo de algumas delas. O importante é deixar claro que a presente introdução é apenas uma abertura ao tema segundo algumas intuições, leituras e posturas que me habitam e não um comentário aos textos apresentados.

Um primeiro ponto importante me parece ser o de afirmar que para além das condenações que fazemos ao *‘tráfico de mulheres’*, muitas vezes condenações formais que nos situam apenas publicamente do lado *‘dos bons’* ou do *‘politicamente correto’* é necessário entender algo das raízes antropológicas que nos levam a este e a outros comportamentos considerados injustos e violentos. Falar de raízes antropológicas, sem cair nos tradicionais essencialismos, é reconhecer que temos uma constituição ontológica que nos permite viver e agir segundo uma espécie de constante que marca ao mesmo tempo nossa fragilidade e nossa grandeza. A desproporção, os extremos e suas variadas escalas e manifestações são uma de nossas marcas.

Somos animais falíveis e essa falibilidade se manifesta nos mais íntimos recônditos de nosso ser. Ser falível é guardar em si continuamente a **possibilidade** de fazer o mal, de trair, de matar, de roubar mesmo quando não queremos fazê-lo. Por isso, é preciso entender algo mais do *eu / nós* que atua, mantém, se cala, é vítima, é agente de algo que embora socialmente condenado, continua se expandindo de diferentes formas no mundo de hoje. A velha questão ética: *porque fazemos o mal que detestamos e não o bem que amamos*, volta continuamente. Fazemos o mal e fazemos o bem como se fossem frutos inseparáveis provindos da mesma energia vital que nos constitui e se diversifica em nós.

Nessa linha me pergunto por que, na maioria das vezes, o chamado tráfico de corpos e mais especificamente dos corpos femininos para o comércio sexual é abordado de forma separada da complexa economia globalizada que têm levado à miséria povos inteiros obrigando-os a condições de vida infra-humana? Por que isolamos este problema de outros tantos aos quais ele necessariamente se subordina? Não seria esse tráfico apenas uma variante decorrente de uma velha cultura, amplamente difundida que outorga o tratamento de *‘sujeitos de direitos’* aos senhores e reduz a *‘objetos de uso’* a aqueles e aquelas que por sua múltipla situação são considerados inferiores? Além disso, por que destacamos o tráfico de corpos de mulheres dos outros corpos traficados e fazemos dele uma questão a ser buscada e refletida *a partir da Bíblia*? Teriam os livros da Bíblia algo a nos dizer sobre a dignidade dos corpos femininos? Estaríamos acaso necessitadas/os de fundamentos inquestionáveis para questionar a história atual? Estaríamos buscando formas de comportamento *‘aprovadas por Deus’*, *‘palavras de Deus’*

para fundar os nossos? Não estaríamos, talvez, num registro epistemológico mágico e anacrônico buscando 'verdades eternas' quando os textos existem apenas como narrativas de histórias humanas de culturas marcadas por explicações e simbologias de tempos que já não são os nossos? Não estaríamos reproduzindo comportamentos fundamentalistas que reprovamos em outros, para afirmar nossa maneira de ver e agir no mundo como sendo a melhor? Nesse particular há muito caminho a ser andado para arrancar dos textos antigos os óculos da teologia oficial e de suas verdades e não os reduzir à nossa limitada dogmática, capaz alienar e de submeter fiéis ao poder da religião e dos impérios.

Poderíamos também pensar que o interesse pelo problema 'tráfico de mulheres' manifesta a necessidade de nos colocarmos em dia com o desenvolvimento das bandeiras feministas emanadas de um sentimento de responsabilidade social em relação a um tema pouco tratado pela misoginia dos intérpretes da Bíblia. Esta e outras questões precisam ser levantadas de forma pessoal e coletiva para abordarmos a problemática que nos ocupa com honestidade e responsabilidade. Certamente não há uma resposta única para explicar nossas motivações em torno desse tema, mas uma mistura de possibilidades de respostas dependendo da pergunta que abraçamos e dos sentidos que buscamos em nossas vidas.

Uma das pistas que gostaria de seguir nessa reflexão tem relação com a compreensão mesma do ser humano pelo ser humano. Afinal não basta mais o genérico do 'somos humanos' ou 'animais racionais' ou 'criados à imagem e semelhança de Deus' ou somos 'quase deuses', um degrau hierárquico inferior a eles. É dizer muito pouco sobre nós, quase nada em tempos de ciência e tecnologia avançadas e de grandes desastres humanitários e ecológicos. Da mesma forma não nos basta exaltar ou condenar os seres humanos por sua humanidade ou falta de humanidade. O que significa isso? Na realidade tudo o que fazemos é enquanto humanos desde a abnegação e a entrega da vida até as matanças nos campos de extermínio do passado e dos dias de hoje. A humanidade é nossa classificação identitária em meio aos muitos seres provindos do mesmo húmus. A humanidade é nossa condição e não uma qualidade atribuída aos humanos como ordinariamente empregamos essa palavra. Mas, há humanos e humanos, sempre divididos em classes, gêneros, identidades étnicas, políticas, religiosas, tempos, comportamentos, emoções diferenciadas e conflitos renovados.

O animal humano está revelando a si mesmo e cada vez mais, o quanto é diverso e plural, escapando às definições únicas, precisas e claras muito embora sempre necessitado de novos limites. A partir dessas constatações quase óbvias é preciso tentar apreender ou compreender, sobretudo, algo da tendência destrutiva que nos habita e que nos leva a reduzir o outro a objeto, mercadoria, posse, propriedade. É preciso entender por que para nós apenas algumas vidas contam e outras não. Essa mesma tendência de valorizarmos alguns e desvalorizarmos outros está presente no cuidado que

temos uns pelos outros e nas nossas escolhas. Alguns tratamos bem, outros desprezamos! Alguns acolhemos e outros rejeitamos! A 'seleção natural darwiniana' analogicamente se manifesta nas escolhas sociais e políticas que fazemos! Bondade e maldade se misturam em nós como o joio e o trigo e se manifestam em nossas relações.

Nossa finitude é pessoal, social, afetiva, emocional, política e econômica. Nossas possibilidades individuais são sempre parciais embora falemos e desejemos a universalidade. Nossa finitude está também presente como limite na capacidade de proximidade do outro ou da outra, um limite que pode ser modificado segundo as necessidades mesmo que nasçam outros limites. Por isso somos educáveis a fim de alargar sempre mais nossos horizontes e incluir sempre mais pessoas nas nossas relações éticas. Animais ambíguos e contraditórios somos nós, sempre necessitados de nos compreender de novo e ressignificar o complexo tecido que nos constitui.

No fundo, mesmo afirmando nosso eu a partir da dependência dos outros semelhantes e dessemelhantes existentes na natureza física, o pequeno núcleo de individuação que nos caracteriza tende a impor-se e sempre desejar afirmar ou sua autonomia ou sua força, mesmo mínima, em relação aos outros. Sobrevivemos não só através da comunhão com outros, mas defendendo-nos dos outros semelhantes a nós. Nosso mundo pessoal é sempre marcado por nossos interesses individuais mesmo nas ações mais altruístas. Assim a autonomia e a força individual não são apenas qualidades, mas podem transformar-se e afirmar-se em vício egocêntrico, imperialista, dominador dos outros e outras. E ninguém é isento dessa tendência, desse abismo que nos acompanha sempre em todos os lugares e momentos da vida. Somos todas/os 'raça de víboras' e chamados à liberdade e ao amor. E para que eles habitem em nós é preciso estar constantemente em estado de educação permanente e em estado de vigília para não cedermos aos limites que nos marcam e a tentação de eliminar os outros que nos caracteriza. Afinal como dizemos inspirados pela ciência biológica contemporânea, nascemos de uma falha genética de uma 'macaca chimpanzé' e esta falha genética que nos deu origem é marcada pela riqueza de uma imensa criatividade e pelo limite de uma extrema crueldade. É nessa condição que nos desenvolvemos e agimos apesar de todas as controvérsias sobre nossas origens alimentadas em nosso tempo, sobretudo por algumas religiões.

Do ponto de vista religioso poderíamos nos perguntar se seríamos nós de fato 'imagens e semelhanças de Deus'? Imagens de que Deus? Como cristãos, diríamos do Deus da Bíblia, do Deus de Jesus, do Pai de Jesus, de Jesus ele mesmo afirmado como Deus. Quem é o Deus do qual seríamos imagens?

Nenhuma dessas perguntas é isenta de conflitos, ambiguidades e obscuridades. Mais uma vez nossa finitude constitutiva emerge. No Antigo Testamento irmão mata irmão, pai se posta contra o filho, mulheres são violadas e apedrejadas e até Javé, ele mesmo, manda matar os profetas

de Baal. Na intimidade do discipulado de Jesus houve dissensões, traições, condenações, negações das quais ele mesmo certamente participou como personagem ativo. Entretanto, nós, por alguma necessidade oculta em nós mesmos/as e por razões políticas contextuais o transformamos colocando-o acima das paixões e emoções negativas que nos caracterizam. A afirmação de Paulo, dos evangelistas, e das Igrejas sobre Jesus: *'igual a nós menos no pecado'* ilustra nossa reflexão. E se dissemos que *'é igual também no pecado'* talvez o edifício do poder religioso e de nossas seguranças ruísse e nos obrigaria a assumir outras posturas. O mundo divino para nós tem cara, sobretudo humana e tem que ser idealizado, tem que introduzir quebras em nossa realidade, tem que ser isento de paixões, de divisões, de misturas... Por quê? Poderia ser diferente?

Nessa linha, muitos cristãos buscam na Bíblia uma inspiração muitas vezes ingênua para a compreensão dos acontecimentos atuais acreditando que ela possa dar certeza e legitimidade às suas ações. Apostam talvez numa espécie de milagre, de magia ou coisas no gênero que poderia lhes advir de uma frase do texto ou de um sentido reinterpretado de uma narrativa. Toma-se a Bíblia como um livro diretamente *'revelado'* por Deus, uma referência máxima para nossos comportamentos sem perguntar sobre o que há por trás do texto ou sobre as imposições hermenêuticas feitas à compreensão dos textos pelas autoridades das Igrejas. Estas imposições na realidade têm sua origem além do *'bem'* que elas pretendem, em propostas que levam ao controle da vida dos crentes, até certo ponto cópia do controle imperial desde os tempos de Constantino. Naturalizamos a tal ponto essas imposições e os comportamentos morais que elas contêm e as tornamos nossa referência ética sem perceber o quanto muitas destas visões já não se sustentam num mundo cada vez mais plural como o nosso.

Assim, ousar afirmar que todas as afirmações de princípio fortemente presentes nas catequese de iniciação já não se sustentam nos tempos atuais como aquisições tranquilas e referências inquestionáveis. Insistir na sua verdade indiscutível nos leva a valorizar a autoridade apenas de algumas pessoas que consideramos *'iluminadas'* e detentoras da verdade sobre o mundo e sobre os comportamentos humanos. Tal postura não nos ajuda a desenvolver uma responsabilidade comum, a compreender as nossas ações e a nossa participação diferenciada na produção das injustiças.

Talvez, em meio à insegurança em que vivemos no mundo de hoje, estejamos sendo convidadas/os a dar passos um pouco mais adiante e fazer-nos outras perguntas. Talvez estejamos sendo convidadas pela Vida a retomar a beleza de nossas tradições a partir de outras chaves de leitura, menos puras, menos hierárquicas, menos religiosas e que nos permitam um acesso diferente da compreensão das relações entre nossas tradições religiosas e os problemas de nosso tempo. E aqui, depois dessa longa introdução a *Introdução* entra de maneira especial a questão que estamos refletindo e

que deveria igualmente incluir-se numa abordagem mais complexa, porém não menos marcada pela responsabilidade social que lhe é devida.

Sem dúvida o tráfico de seres humanos e de mulheres em especial, vem suscitando enorme contestação e interesse na atualidade. Tem provocado ações educativas e punitivas dos Estados e de diferentes instâncias nacionais e internacionais. Entretanto, este tipo de tráfico humano nada mais é do que uma trágica **variante** das diferentes formas de agressão, usurpação de direitos, crimes hediondos, guerras, assassinatos que fizemos e continuamos fazendo a nós mesmos ao longo da História, nos mais diferentes rincões do mundo. E, nessa variada repetição de um fundo constitutivo comum, mudamos as formas, afinamos métodos, sofisticamos abordagens, introduzimos os meios de comunicação social rápidos, mas continuamos sendo em nós mesmos ao mesmo tempo **Caim e Abel**, como um só homem. Continuamos mantendo em nós um 'eu' duplicado capaz de ir a favor e contra a si mesmo como indivíduos e coletividades. Continuamos seduzidos por nosso poder e realizando crimes hediondos.

Não há indivíduo sem coletividade e coletividade sem indivíduos. Não existe um 'eu' separado de suas condições sociais, de seu meio ambiente, de sua cultura, de suas relações mais próximas, da educação recebida, da educação de suas emoções. O nível pessoal e o coletivo estão unidos e por isso as instituições que criamos são capazes de construir relações positivas entre nós e ao mesmo tempo destruir outras relações. Não fugimos da ambiguidade que nos constitui. Não fugimos dessa **unidade duplicada** que, ao mesmo tempo nos torna criadores de arte e criadores também de coisas e situações nefastas. A 'unidade duplicada' que somos nós, torna-nos também destruidores de pessoas que são da mesma raça humana que a nossa e destruidores do meio vital que permite a nossa vida. Assim, por exemplo, ao jogarmos a culpa dos crimes sociais nos outros que acusamos de assassinatos, de carrascos, dogmáticos ou progressistas ou conservadores ou reacionários ou alienados, estamos nos incluindo na responsabilidade diversa e coletiva de manutenção ou destruição da vida embora em gradações diferentes. O outro que acuso sou também eu acusado nele. O eu liberado inclui igualmente relações mais amplas do que o trabalho sobre minha subjetividade.

Por isso, minha preocupação nesse momento não é de analisar dados estatísticos sobre o número de mulheres traficadas no mundo ou de maneira especial no Brasil. Da mesma forma não vou analisar as muitas ações antitráfico nas suas múltiplas variantes que incluem '*profissionais e instituições do bem*' capazes de discursos sem fim, mas que movem poucas palhas para realmente aliviar as dores alheias no momento preciso em que acontecem. Por exemplo, muitas das instituições religiosas e políticas, sobretudo as que se posicionam contra o tráfico de mulheres mantêm posturas antifeministas marcadas pelo neoconservadorismo cristão que se afirma antiabortista e a favor da abstinência sexual para evitar o uso de preservativos e anticoncepcionais. Sua maneira de socorrer as 'vítimas' muitas vezes é de lhes impor a

submissão a um fundamentalismo religioso ou moral provocador de novos tipos de violência.

A violência feita pelos 'bons' pode ser tão perniciosa quanto aquela feita pelos maus. Apenas sua forma é diferente embora alguns aparentemente pareçam 'salvadores' dos outros/as e alguns destruidores. Esta alerta deveria nos habitar com mais frequência para que possamos rever se o bem que fazemos não é uma imposição ideológica de quem se julga mais possuidor da verdade e do bem. O mais grave é que agimos afirmando que nossa ação e comportamento são segundo Deus, considerado a suprema Bondade. Quem nos garante tal pretensão? Não a cultivaríamos como expressão de nossa egolatria?

Nas ações que fazemos muitas vezes, não só condenamos os traficantes, mas condenamos as traficadas na medida em que não se submetem às nossas propostas ou decisões em relação a elas. Tornamos muitas vezes sua cruz mais pesada na medida em que introduzimos julgamentos religiosos que podem pesar como forma de dupla culpabilidade: uma culpabilidade social e outra religiosa. Com nossa falsa pureza religiosa não percebemos que os diferentes aspectos do tráfico de mulheres também se ligam às diferentes vivências da sexualidade. A exposição dessa diversidade agride aqueles/as que optaram por uma vida sóbria, regrada e recatada. Nessa perspectiva, as pessoas 'religiosas' têm teorias sobre a vida sexual perfeita, bem-organizada, segundo os cânones e modelos divinos. Idealizam modelos sem perceber os limites das relações humanas, sua temporalidade, sua finitude relacional. Condenam às vezes sem perceber a inter-relação entre os diferentes aspectos de nossa vida, a fragilidade das sedução e imbricações do instante e muitas vezes condenam atuando com hipocrisia e má-fé como se fossem parte de uma humanidade superior.

Muitos grupos antitráfico de seres humanos, e especialmente de tráfico de mulheres não fazem as relações críticas necessárias para perceber que também algumas políticas antitráfico estão sujeitas a políticas econômicas coercitivas nacionais e internacionais mais amplas. Estas favorecem o desenvolvimento do tráfico de seres humanos, o crescimento dos movimentos migratórios que atravessam todo o planeta e fragilizam os mais fragilizados. Enquanto, por um lado se roubam terras cheias de minérios preciosos, enquanto se faz a guerra para mobilizar populações que vivem em áreas petrolíferas, enquanto se expulsam camponeses de suas terras para servir ao progresso, enquanto se usurpam as terras indígenas para favorecer o agronegócio se está aumentando, por outro lado o tráfico que permite a sobrevivência imediata de algumas mulheres. Estas, embora enganadas pelos traficantes, aceitam a condição de escravas enquanto esta lhes render benefícios para cuidar de si e de suas famílias.

Assim as coisas e situações se distinguem umas das outras, mas também se misturam, tocam-se e interdependem no cotidiano da vida e nas pressões pela sobrevivência. Daí a urgente necessidade de nos aproximar-

mos das pessoas que sofrem de muitos males sem rígidas prévias teorias e soluções morais pré-estabelecidas. Na medida do possível também sem comprometimento com as políticas pré-estabelecidas pelos Estados e igrejas, sem encaixá-las em categorias, sem tipificá-las para saber que solução buscar nos manuais de conduta dos diferentes grupos. Enfrentar-se ao imediato da vida, às angústias e dores do momento, deixar-se contagiar por elas, tentar se colocar no lugar da sofredora, do sofredor, tentar aproximar-se de suas angústias do momento, ouvir suas vozes e explicações, entender sua linguagem a partir de sua dor e não a partir de minha teoria.... Tentar colocar-se em simpatia e compreensão no lugar da outra/o.

Formar-se também para abordar de mais perto o sedutor, o corruptor, o explorador, o gigolô nacional e internacional, suas redes de conexão deveriam entrar cada vez mais na pedagogia dos que querem lutar contra as opressões de nosso tempo. Este é o velho caminho de aproximação humana, mas frequentemente esquecido numa sociedade que produz problemas e quer imediatamente produzir soluções. E as soluções produzidas quase sempre favorecem quem as propõe e acabam, muitas vezes, gerando dividendos que alimentam outros problemas e assim por diante. Uma atenção maior ao conteúdo e às consequências de nossas propostas e das propostas que nos chegam dos Governos do mundo precisa ser cultivada.

Minha pergunta de fundo como tentei deixar claro desde o início dessa reflexão é: *Quem é o ser humano que se permite traficar o outro?* E quem é o ser humano que aceita esta condição posterior de traficada para sobreviver? E, finalmente, em que se baseia nossa autoridade e responsabilidade para intervirmos nas vidas de traficados e de traficantes?

Nessa perspectiva, quero tentar nos convidar a ir mais além das estatísticas muitas vezes falsas e a enfrentarmos algo que raramente fazemos, ou seja, pensar sobre as perguntas: *afinal quem somos nós seres capazes de produzir tantos flagelos para nós mesmos e para os outros? E porque intervir para sanar o mal que acomete a vida de outras/os?*

Estas perguntas implicam na necessidade de pensar nossa responsabilidade coletiva e se fazem necessárias também em relação às crenças religiosas a partir das quais muitas/os de nós buscamos viver. Com frequência, a partir do Cristianismo idealizamos uma humanidade em estado puro, primitivo e igualmente acentuamos a questão do mito da 'queda' e da recuperação ou resgate dos seres humanos, caso se arrependam de seus maus feitos. Fomos criados bons e o pecado da cobiça nos perverteu, mas Deus nos salva. Esses mitos de grande sabedoria e riqueza de conteúdo tiveram seu surgimento histórico no passado e em outras culturas e precisam hoje ser revisitados e reinterpretados a partir da realidade e dos desafios de nosso tempo. Eles não nos dão soluções, mas chamam nossa atenção para os conflitos que vivemos pelo simples fato de existirmos como seres humanos. Eles sugerem que o processo de mudança é lento e quase sempre caímos

de novo e somos convidados a reerguermo-nos. Sugerem igualmente que somos uma **mistura** em nós mesmos e na relação aos outros.

Quanto ao uso mais direto da Bíblia precisamos talvez de mais estudos a partir de outras fontes históricas e interpretativas dos textos, fontes literárias, poéticas, populares ou eruditas, fontes menos institucionais, mais livres, inspiradoras e criativas. Elas nos revelam o quanto os mitos sobre a origem do mal que encontramos na Bíblia mostram que a história humana é sempre em estado de conflito e que a pretensa harmonia paradisíaca é apenas um suspiro imaginado, um sonho de alívio humano em relação ao cotidiano. Se observarmos o texto com atenção veremos que até no Paraíso segundo o Gênesis há ordens dadas por Deus que precisam ser respeitadas, há tarefas, há ocupações e preocupações, medos além da imaginada harmonia paradisíaca. Os seres humanos são seres sociais, ‘condenados’ a viver em conjunto, a conviver uns com os outros, a cuidar uns dos outros, a brigar uns com os outros, a estabelecer limites para seus comportamentos. Se não for assim arriscamos o fratricídio, o dilúvio coletivo e arriscamos a extinção da espécie e de todas as espécies. Mas, muitos inadvertidamente ou egoisticamente fogem dessa condição acreditando que podem estar acima dos outros e acima das leis estabelecidas. Essa forma de transgressão também está na genética de alguns humanos! Inebriam-se com sua imagem e, qual belos ‘Narcisos’, apenas se enxergam como os primeiros e os melhores. Apaixonam-se por si mesmos, paixão individual de ter sempre mais, de valer sempre mais e de poder ao infinito. E quando isso se dá a confusão e a injustiça se tornam presentes. O fel se mistura ao mel, a fome ao excesso de comida, a penúria se mistura à abundância e então o ganancioso cobra impostos pela erva do campo, o usurário empresta dinheiro e exige o cêntuplo, o senhor vende o vizinho como escravo, o tráfico de animais e de seres humanos nutre um amplo comércio, e as leis injustas se espalham.... Alguns denunciam e querem sanar seus maus feitos e os dos outros..., mas nada fica claro embora seja preciso intervir.

Por que alguns tomam para si a responsabilidade de intervir? Por que expõem suas vidas para sanar as mazelas que proliferam em seu meio? Não há como explicar tudo. Algo se pode dizer, mas muito permanece oculto no mistério da busca da liberdade, do insuportável da morte imposta e injusta, da ira de ver como se reduz à luz do dia e na calada da noite o outro, a outra, meus semelhantes a objetos de uso e abuso mercantil.

A tradição filosófica ocidental apresentou algumas explicações que respondem a essa capacidade do ser humano de intervir na vida de outros seres para o bem de suas vidas. Alguns dizem, chegamos a intervir pela força da razão que nos convida a pensar sobre as consequências de nossas ações, outros afirmam que é pelo coração ou pelas emoções ou pelos afetos que nos levariam a perceber o outro como semelhante a nós mesmos ou o outro como o inimigo a ser condenado. Creio que é importante desde já perceber a **mistura** de emoções e razões presentes em nós. Ninguém é

isento delas e das contradições que nos impõem. Por isso educar-nos para não subjugarmos os outros e para não nos subjugarmos a nós mesmos é absolutamente necessário. De forma sintética podemos dizer que fazemos o bem pela razão, pelo coração, pelas emoções, pela educação e fazemos o mal igualmente pelas razões, corações e emoções distantes do bem dos outros. A fonte de nossas ações não é de águas puras, por isso na sabedoria bíblica se anseia pelas águas puras, as águas que são capazes de nos fazer talvez qualitativamente melhores. E elas existem como desejo e necessidade para a manutenção da vida em comum.

No fundo, matar a vida alheia, torná-la objeto de comércio, devorar a força de trabalho das pessoas, exterminar o outro ou a outra que me atrapalha ou que se torna empecilho aos meus planos de expansionismo é um comportamento verificável em toda a história dos animais humanos. Todos nós pelo simples fato de reconhecer os danos desses comportamentos na vida social descobrimos o quanto eles estão presentes em nós, o quanto são atrativos ao brilho de nosso ego e o quanto são interdependentes de muitos egos. Por isso, a educação que damos a nós mesmos deveria ter em vista o controle egoísta de nossa animalidade, a tentativa de superar os instintos possessivos e destrutivos que vivem em nós.

Nessa linha, as pessoas se agregam em torno de comportamentos que julgam favorecer seus interesses e eliminar os que os atrapalham. A educação à cidadania é justamente aquela que faz perceber o outro diferente de mim como sujeito de iguais direitos e deveres. Por isso nascem as agregações positivas e negativas criadoras dos movimentos sociais por justiça ou criadoras das redes de tráfico de drogas e tráfico de corpos. Tudo isso é obra nossa. Matar o outro para ser o centro do mundo em diferentes escalas é parte da condição humana embora nem todos adiram a ela. Da mesma forma temos que lembrar que algumas de nossas ações causam sofrimentos e danos aos outros mesmo se as ações forem aparentemente boas. O que é bom para alguns não o é necessariamente para os outros. E o bem não tem uma única significação, mas é marcado pela diversidade que nos caracteriza e pela temporalidade das situações vividas.

Será que isso nos levaria a dizer que o tráfico de corpos e especialmente o tráfico de mulheres pode ser moralmente justificável? Ou que pode ser compreensível submeter os corpos de mulheres para ajudá-los mesmo involuntariamente a manterem-se economicamente ativos?

Desde meu ponto de vista NÃO. Há males reconhecidos que precisamos evitar e limitar para não destruir a espécie. Há limites que a convivência social exige mesmo que tenhamos que adequá-los às novas situações de nossa história. Os limites que nos impomos são expressão do reconhecimento de nossa frágil condição sempre exposta a apropriações indevidas de nosso ego e expressão de nossa responsabilidade coletiva para que todos possam ter acesso a uma vida digna.

Minha postura acentua o fato de que o bem não é identificável a uma única ideia de bem. Isto é, a uma ideia de bem que meu grupo julga ser o bem e por isso se combatem as outras com armas de diferente alcance. Nesse combate, muitas vezes buscamos a cumplicidade indireta com os causadores maiores da exploração humana. O mesmo país que coloca leis restritivas a entrada de emigrantes favorece projetos de luta contra o tráfico de mulheres. Que relação existe entre as diferentes leis? Tráfico de seres humanos, misturado ao tráfico de órgãos humanos, compra e venda de pedaços de carne humana. O comércio ilegal é legalizado nos átrios obscuros dos que têm dinheiro e poder. O ilícito torna-se exceção porque se trata do corpo de alguém mais importante do que o corpo da puta que vende seu rim para cuidar do filho. Na obscuridade das necessidades urgentes de sobrevivência vende-se um pedaço do próprio fígado, vende-se o sangue, o óvulo, o esperma, a filha... A lei da oferta e da procura, a lei da oficialidade e das exceções, dos privilégios que corrompem ricos e pobres em busca do vil metal. Uma visão mais ampla da interdependência de todas as relações se faz necessária. E, uma denúncia da construção de privilégios, de hierarquias sociais, de proteção a corruptos que mina a vida do conjunto social precisa ser continuamente feita e renovada. Afinal, quem determina a moral, os costumes e as leis? E quem as estabelece e garante o respeito a elas? Essa é uma questão que ocupa todas as éticas ao longo da História humana.

Nessa breve introdução gostaria ainda de assinalar o quanto a consciência da responsabilidade comum tem se desenvolvido em nosso tempo, apesar do crescimento das várias formas de barbárie. A quantidade de novos movimentos sociais de reivindicação de direitos está no diário dos instrumentos de comunicação social. Por isso, o desenvolvimento das tecnologias da comunicação tem tido um papel importante apesar de seus muitos limites. Elas são hoje parte de nossa '*circunstância mundial*', são elementos de nosso cotidiano, colados ao nosso corpo, ao nosso travesseiro. São a fonte imediata de nossas informações, resposta às nossas curiosidades. Eu sou eu e minha circunstância dizia o filósofo espanhol Ortega y Gasset. Eu não sou sem minha circunstância, sem minhas relações, sem minha maneira de sentir o mundo, sem meus afetos, sem a força gananciosa que brota em mim ou sem o acordo tácito com a exploração que apenas me permite sobreviver. Minha circunstância é hoje pessoal e mundial, é real e virtual ao mesmo tempo. Não é como a do passado restrita aos limites daqueles tempos e de suas informações.

Hoje, minha circunstância local e mais ampla vive algo que considero um *salto qualitativo na consciência da humanidade*. Trata-se de forma especial da consciência de direitos que o movimento feminista gerou nas mulheres e na sociedade nos últimos anos. Uma consciência que revela o escondido das relações humanas, que mostra a olho nu as formas específicas de violência contra as mulheres, a permissividade da sociedade para que isso aconteça, o silêncio das religiões e de muitas instituições sociais. E essa

consciência e as explicitações que contêm se tornam também **consciência mundial e circunstância mundial** capaz de modificar conhecimentos, propor comportamentos, alargar relações culturais, sociais e políticas.

Acredito que a consciência feminista que se manifestou de diferentes formas a partir do século passado permitiu que percebêssemos uma das chagas mais dramáticas da história dos pecados humanos. Relemos a história humana a partir da dominação de gênero e denunciamos o quanto os corpos femininos foram e são marcados por uma subjetividade socialmente imposta de que têm menos valor ou que não têm valor tanto quanto os homens. Por isso é menos ‘pecaminoso’ traficar corpos de mulheres, submetê-los aos muitos haréns masculinos, explorar sua força de trabalho no exercício dos desejos sexuais masculinos, sobrecarregá-lo com duplas ou triplas jornadas de trabalho. Afinal essa secundariedade dos corpos femininos descrita quase como vontade de Deus, um Deus que estabeleceu sua ordem perfeita a partir das ordens masculinas, que deu certa primazia ao masculino para representá-lo e agir em seu nome está atingida por uma descrença crescente.

A denúncia ao tráfico de mulheres é mais contemporânea do que a exploração da mão de obra dos operários, mais contemporânea do que as lutas por independência, mais recente do que a emancipação dos negros em muitas regiões do mundo, mais recente do que o direito de livre trânsito por nossos países. Os corpos das mulheres ainda contam pouco ou não contam. Por isso apesar da consciência crescente há também uma espécie de resistência negativa a dar-lhes valor, a acolher as reivindicações de direitos, há uma morosidade no julgamento dos crimes contra as mulheres e uma criminalização maior de seus corpos. No fundo, teme-se perder o corpo gratuitamente aconchegante, o ‘eterno’ corpo protetor da ‘madona com o menino’. Teme-se perder a dona de casa com todos os serviços gratuitamente oferecidos. Teme-se perder as mulheres ‘objetos de cama e mesa’. Então, todas as que fogem do lar ou são aliciadas para sair dele em busca de benefícios para o próprio lar não são bem-vistas. Maculam a imagem protetora, rompem a idealização da mãe, da esposa, da filha submissa. São as putas, traficadas, enganadas, depravadas, desavergonhadas e vítimas de comerciantes que as usam e devolvem-nas depois de gastas para sua sina habitual. Como são as ‘outras’, apenas mulheres, seres de pouco valor não há muito por que impedir um comércio tão rentável!

Por essa pouca valoração que carregamos durante séculos, o espaço da ferida feminina, a amplidão da cicatriz em nossos corpos precisa de tempo para curar-se e para impedir que novos golpes assolem nossa integridade. É chegada a hora precisa da ética para as mulheres e tantos desamparados. A ética exige uma política coerente. E, a política é a arte de organizarmos nossa convivência porque sabemos bem que nossa humanidade é ególatra, nossa animalidade é devoradora de todos que parecem ameaçá-la e nossos deuses são muitas vezes à sua imagem e semelhança.

Por isso, uma política real distributiva de bens e de saberes se faz necessária. Não apenas política de palavras contundentes ou leis escritas sobre o que 'deve ser feito', mas iniciativas reais que toquem a cultura, a economia e a política como um caminho visível para sairmos do marasmo em que estamos.

Quem deve propô-la e organizá-la? Todos/as nós na medida de nossas possibilidades. A responsabilidade social e a legalidade dela decorrente não deveriam estar submetidas a leis religiosas, a igrejas, a partidos políticos, a seitas. Deveríamos nos organizar tendo diante dos olhos as feridas reais das pessoas, as que mais sangram e a partir delas tentar ver os passos possíveis para aliviar as dores e os pesados fardos que carregam. Só é possível organizarmos uma sociedade que se preocupe com o Bem Comum se nos dispusermos de fato a carregar os fardos uns dos outros. Aí está de novo o velho problema.... Como acolher essa responsabilidade comum? Como deixar um pouco de lado as exigências e os benefícios feitos por meu ego individual e ampliado e mover meu corpo na construção de relações que favoreçam aos mais necessitados/as?

Este foi um problema do passado de todas as culturas e políticas e continua sendo o problema de nosso presente. Sair de nosso narcisismo, do individualismo possessivo que caracteriza a muitos, da desposseção de bens e certezas e arriscar-se na aventura de **ser de fato coletividade** a partir de nossa mais primitiva individualidade. Esta, sabemos bem, é relacionalidade e interdependência constitutiva. Quem nos ajudará a mover a pedra para que a vida renasça? *"No meio do caminho há uma pedra" ...*

Tenho a esperança de que os artigos que seguem nos fornecerão elementos de reflexão e ação para que possamos arcar com o peso da **pedra**, ou seja, da pedra do tráfico de corpos. Talvez, poderão nos dar mais acuidade e maior compreensão de que todos os problemas humanos se interdependem e, no fundo, são questões que tocam uma única questão: *quem é o ser humano?*

Ivone Gebara
ivonegebara@gmail.com